

Solange Jobim e Souza (organizadora)

# SUBJETIVIDADE EM QUESTÃO

---

A infância como crítica da cultura

©2005 Solange Jobim e Souza

*Produção editorial*

Debora Fleck  
Isadora Travassos  
Jorge Viveiros de Castro  
Marília Garcia  
Valeska de Aguirre

*Revisão*

Nana Vaz de Castro

---

SOUZA, Solange Jobim e (org.)

Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura / Solange Jobim e Souza (org.) – Rio de Janeiro: 7Letras, 2005 (2ª edição).

ISBN 85-7577-186-8

1. Psicologia. 2. Subjetividade. 3. Cultura e sociedade. 4. Infância. I. Título.

CDD 150

---

2005

Viveiros de Castro Editora Ltda.  
Rua Jardim Botânico, 674/ 417 – Jardim Botânico  
Rio de Janeiro – RJ – 22461-000  
www.7letras.com.br – editora@7letras.com.br  
(21) 2540-0130 / 2540-0037

# SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	9
<i>Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald</i>	
APRESENTAÇÃO .....	11
<i>Solange Jobim e Souza</i>	
PARTE I	
A ESTÉTICA E A PSICOLOGIA .....	19
<i>Solange Jobim e Souza</i>	
SUBJETIVIDADE: A (DES)CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO .....	29
<i>Luciana Lobo Miranda</i>	
DO INDIVIDUALISMO MODERNO AO NARCISISMO CONTEMPORÂNEO: A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA CULTURA DO CONSUMO .....	47
<i>José Eduardo Menescal Saraiva</i>	
CINEMA, NARRATIVA E SUBJETIVIDADE .....	65
<i>José Daniel Mendes Barcelos</i> <i>Solange Jobim e Souza</i>	
II PARTE	
INFÂNCIA, VIOLÊNCIA E CONSUMO .....	91
<i>Solange Jobim e Souza</i>	
LADRÕES DE SONHOS E SABONETES: SOBRE OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DA INFÂNCIA NA CULTURA DO CONSUMO .....	99
<i>Rita Marisa Ribes Pereira</i> <i>Adriana Cerdeira</i> <i>Beatriz Andreiuolo</i> <i>Solange Jobim e Souza</i>	

DIALOGISMO E ALEGORIA NO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO ...	117
<i>Adriana Cerdeira</i>	
<i>Beatriz Andreiuolo</i>	
CONVERSANDO COM CRIANÇAS SOBRE ESCOLA E CONHECIMENTO: A ABORDAGEM DIALÓGICA E A CRÍTICA DO COTIDIANO .....	139
<i>Solange Jobim e Souza</i>	
<i>Maria Florentina A. Camerini</i>	
<i>Maria Cecília Morais</i>	
A CRIANÇA E O SINTOMA: O CONTEXTO SOCIAL E SUA IMPORTÂNCIA NA CONDUÇÃO CLÍNICA .....	154
<i>Maria Florentina A. Camerini</i>	
SOBRE OS AUTORES .....	163

## AGRADECIMENTOS

Ao Vicente, pelo apoio constante.

Ao grupo de pesquisa que compartilhou com entusiasmo as muitas horas dedicadas à elaboração dos textos aqui reunidos.

Às crianças que sabem dar brilho às coisas simples e transmitem viço aos meus olhos.

Ao CNPq, Capes e Faperj, pelo apoio financeiro às pesquisas que originaram este livro.

# SUBJETIVIDADE: A (DES)CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO\*

Luciana Lobo Miranda

*“A produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção”.*

Felix Guattari

Diante dos avanços da tecnologia, da fugacidade dos (des)encontros, da espetacularização da vida, o sujeito contemporâneo sente um vazio. Assistimos a uma corrida desenfreada por novidades, no mesmo movimento em que essas mesmas novidades tornam-se obsoletas. Do cinema mudo à realidade virtual, do telégrafo ao e-mail, do zepelin ao ônibus espacial, as mudanças ocorridas neste século alcançaram um patamar até então desconhecido em milhares de anos da história da humanidade. As invenções ocorridas na área dos transportes, da informação/comunicação e da tecnociência garantiram ao homem novas relações espaço-temporais, bem como aumentaram sua expectativa de vida, interferindo em seu cotidiano, de modo que o homem deste *fin-de-siècle* tem o seu dia atravessado pela tecnologia. No entanto, o progresso não garantiu a felicidade para todos como prometera. Ao mesmo tempo, no mundo “pós-moderno” globalizado parece não fazer mais sentido pensar numa coletividade, numa perspectiva social, já que a experiência do socialismo real levou à descrença no comunismo.

Ferreira dos Santos (1986) nos apresenta uma interessante fábula do cotidiano do sujeito urbano, ou, como preferiu chamar, de um “urbanóide”:

Ao acordá-lo, o rádio-relógio digital dispara informações sobre o tempo e o trânsito. (...) No seu micro Apple II, sua agenda indica: REUNIÃO AGÊNCIA 10 H/ TÊNIS CLUBE 12H/ ALMOÇO/ TROCAR CARTÃO MAGNÉTICO BANCO/ TRABALHAR 15H/ PSICOTERAPIA 18H/ SHOPPING/ OPÇÕES: INDIANA JONES — BLADE RUNNER VIDEOCASSETE ROSE, SE LIGAR/ SE NÃO LIGAR, OPÇÕES: LER O NOME DA ROSA (ECO) — DALLAS NA TV — DORMIR COM SONÍFEROS VITAMINADOS/ (Ibid p.8)

---

\* Artigo elaborado dando continuidade às questões desenvolvidas na dissertação de mestrado — “Produção de Subjetividade: Por uma Estética da Existência”. Departamento de Psicologia, PUC-Rio, 1996.

Depois de seguir o dia conforme previsto na agenda do computador, onde até a imprevisibilidade de um encontro amoroso é programada pelo usuário, de modo que sempre saberá o que fazer, o sujeito da fábula, que pode ser um de nós, prepara-se para dormir:

Na cama, um sentimento de vazio se fragmenta desordenadamente em imagens, dígitos, signos — tudo leve e sem substância como um fantasma. Nenhuma revolta. Entre a apatia e a satisfação, você dorme. (Ibid p.9)

O sujeito da fábula, protótipo da produção de subjetividade contemporânea, debruça-se sobre si mesmo. Narcisista, não se espanta mais com a proliferação da miséria e suas relações são permeadas pelo consumo.

A cultura da superficialidade aposta no caráter mutante e efêmero dos bens a serem consumidos, e na necessidade de massificação, para que um maior número de pessoas se tornem consumidoras em potencial. Não só consumidoras de bens, de produtos, visto que no terceiro mundo a grande maioria pouco consome, mas também consumidoras de idéias, de atitudes, de comportamentos. No cruzamento entre o aspecto mutacional e o massificador, está a mídia, grande anfitriã da contemporaneidade, que possibilitou o advento da chamada “Sociedade de Consumo” (Baudrillard [1974] 1995).

A mídia, ao mesmo tempo que proporcionou a possibilidade de novos encontros, através de sons e principalmente de imagens, constituindo uma certa democratização de informação e conseqüentemente do saber, trouxe uma homogeneização de valores, de padrões, de costumes, bem como de subjetividades.<sup>1</sup>

Mas de qual subjetividade estamos falando? Da qualidade do que é subjetivo, do que constitui o fenômeno psíquico? De uma interioridade experimentada pelo sujeito racional circunscrita à esfera da individualidade?

A subjetividade e a noção de sujeito têm sido pontos centrais na discussão e questionamento dos paradigmas das ciências humanas. A fim de promover a “verdade” sobre a condição humana, vários perfis de sujeito são traçados: o sujeito do conhecimento, o sujeito psicológico e o sujeito do inconsciente. Paralelamente, a subjetividade, via de regra, vem acompanhada de um “subjetivismo”, ora sendo negada em nome da objetividade científica, a chamada neutralidade, ora avançando em nome de uma consti-

---

<sup>1</sup> Os temas: “subjetividade e consumo” e “subjetividade e imagem” são discutidos nos artigos de José Eduardo Saraiva, “Do individualismo moderno ao narcisismo contemporâneo: a subjetividade na cultura do consumo”, e no de Solange Jobim e Souza e José Daniel Barcelos, “Cinema, narrativa e subjetividade”, nesta publicação.

tuição estrutural e universal do sujeito. No entanto, ambas concepções, “objetivista” ou “subjetivista” apontam para o mesmo lugar: o sujeito transcendental, a subjetividade individualizante, prisioneira de uma interioridade.<sup>2</sup>

Legitimado para investigar e se debruçar sobre a subjetividade, o discurso “psi” — psicologia, psiquiatria, psicanálise — tem contribuído para a redução da subjetividade a uma dimensão psicológica interior, isolando-a de um contexto mais amplo. O discurso sobre o indivíduo ocidental vem ajudando a produzir uma subjetividade essencializada, individualizada, ou, segundo Guilhon Albuquerque (1988), substancial:

Esse indivíduo seria o que é dotado de uma subjetividade substancial, isto é, existe uma substância do indivíduo, que seria uma espécie de núcleo íntimo, a sede da ação do sujeito, como o responsável pela ação de um ator determinado (...) E a Psicologia não é só o saber que descreve como também explica e, de certa forma, detecta esse recôndito da alma humana (Ibid p.50).

Para lidar com esta “subjetividade substancializada”, a psicologia criou uma série de dispositivos que se desdobraram em técnicas, práticas, discursos, incluindo as teorias da personalidade e do desenvolvimento, técnicas de recrutamento e seleção, testes psicológicos ou projetivos para fins de psicodiagnóstico. Os psicólogos são chamados a atuar nas mais diversas áreas — escolas, empresas, hospitais — onde a demanda geralmente está nos conflitos emocionais, psíquicos ou relacionais que envolvem indivíduos e grupos que ali transitam. Como resposta, os profissionais psi atendem a tal demanda promovendo um perfeito gerenciamento da subjetividade.

Nesta perspectiva, a discussão acerca do conceito de subjetividade revela-se, portanto, fundamental para que possamos fazer uma crítica a um psicologismo estéril, onde problemáticas sociais, econômicas, políticas, tecnológicas e estéticas passam, muitas vezes, ao largo. Com a ajuda de pensadores como Foucault, Deleuze e, mais especificamente, Guattari, tentaremos promover um alargamento deste conceito, que passa, então, a ser discutido no entrecruzamento de diversos fatores que vão desde o “romance familiar” até o desenvolvimento tecnológico operante em nosso século.

---

<sup>2</sup> *Grosso modo*, podemos dizer que o subjetivismo inicia-se com o *cogito, ergo sum* de Descartes, passa por Kant e seus *a priori* categóricos imanentes ao sujeito, chegando a Fichte que reduz a realidade existente à realidade do Eu. Por outro lado, a objetividade buscada pela ciência moderna tem como ideal a universalidade, onde suas leis e sistemas têm valor para todos os observadores, eliminando as interferências possíveis do sujeito do conhecimento. Temos como representantes desta corrente de pensamento o behaviorismo, o estruturalismo e o neopositivismo.



## A relação sujeito-objeto

A tradição filosófica ocidental promove uma dicotomia na relação sujeito-objeto, onde percebe-se desde a supervalorização do sujeito como no racionalismo de Descartes, até a objetivação característica do empirismo lógico. Filha pródiga de tal dicotomia, a subjetividade apresenta-se ao mesmo tempo universal e interiorizada. Vejamos por exemplo o que nos diz a Enciclopédia de Filosofia Logos:

Subjetividade: É a qualidade do que é subjetivo, indicando uma relação essencial ao sujeito. Daí a sua contraposição à objetividade. Trata-se da propriedade constitutiva do fenômeno psíquico do sujeito autoconsciente e pensante, que só pode ser experimentado por ele. Caracteriza pois a interioridade da pessoa, o seu caráter de individualidade irreduzível a qualquer conceito geral. Por isso se usa também numa acepção concreta para indicar o campo das realidades subjetivas (Morais, 1992, p.1321)

Nesta perspectiva, a subjetividade não se alteraria em si mesma pelas transformações históricas, sociais, políticas, econômicas, tecnológicas... enfim, por toda uma gama de atravessamentos com que na verdade, em nosso cotidiano, estamos o tempo todo nos deparando.

Foucault (1979,1984-a,1984-b), ao criticar a dicotomia sujeito-objeto, acaba por ajudar na tematização da subjetividade. O autor mostra que a constituição de um universo subjetivo paralelo a um objetivo representa uma estratégia filosófica, e que, na verdade, ambos encontram-se implicados entre si, e são quase indissociáveis.<sup>3</sup> Com isto, Foucault pretende rediscutir o lugar do sujeito e do objeto.

Nas ciências humanas, o homem, ao estudar o próprio homem, torna-se sujeito e ao mesmo tempo objeto do conhecimento. O que hoje entende-

---

<sup>3</sup> Ao penetrarmos no universo foucaultiano, não pretendemos dar conta de sua discussão sobre o saber ou o poder. Apesar de não estarem dissociados, o que nos interessa é a discussão do pensador acerca da historicidade da constituição do sujeito e do objeto, chamando atenção para o que o autor denominou de “modos de subjetivação”, que consideramos de extrema importância para a compreensão do que chamaremos de “produção de subjetividade”. Sabemos do risco da superficialidade que corremos, porém, mesmo sem diretamente investir nas produções de Foucault acerca do saber ou do poder, cremos que elas, de uma maneira ou de outra, se encontram presentes, pois ao configurar uma arqueologia dos saberes ou uma genealogia do poder, seu foco de interesse sempre esteve em “produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação dos seres humanos em nossa cultura” (Foucault, 1989 [1984-b] p.1).

mos por Eu é simultaneamente sujeito e objeto da história. A noção de sujeito é colocada por Foucault como inventada historicamente, não podendo mais se esconder na Razão ou na objetividade positivista que, por sua vez, não deixam de ser também invenções históricas. O homem encontra-se então numa posição de desconhecimento: ao mesmo tempo em que, enquanto sujeito do conhecimento, torna as experiências possíveis, elas o ultrapassam: a vida, o trabalho, a linguagem...

Foucault, ao invés de trabalhar com o sujeito transcendental, aproxima-se do sujeito constituído dentro de um determinado campo de saber.<sup>4</sup> Isto, no entanto, não significa dizer que o sujeito não exista, ou que devemos considerá-lo somente na sua objetividade pura, mas coloca sujeito e objeto num campo de relações onde são formados e transformados mutuamente.<sup>5</sup> Ao invés de universais antropológicos que se aproximam de uma natureza humana, uma espécie de *a priori* da condição humana, Foucault (1979) imprime uma desnaturalização, através do método genealógico, analisando as condições de existência e experiência deste sujeito historicamente localizado.

Assim como a constituição do sujeito do conhecimento em Foucault, a subjetividade em Guattari redimensiona as categorias de indivíduo e sociedade, além da própria relação sujeito-objeto, ultrapassando a dicotomia que normalmente se imprime nessas classificações. Não haveria sentido nessa separação, pois trata-se de ver o mundo como uma complexa rede. A relação sujeito-objeto é percebida como imanente, isto é, o que existe é uma coextensividade, onde só faz sentido a separação para fins didáticos ou pedagógicos:

Proporemos então operar um descentramento da questão do sujeito para a da subjetividade. O sujeito, tradicionalmente, foi concebido como essência última da individualização, como pura apreensão pré-reflexi-

---

<sup>4</sup> Com relação à loucura, por exemplo, Foucault (1979) nos mostra que o enclausuramento e a instituição da doença mental pela psiquiatria tornaram possíveis a transformação do corpo do louco em doente mental, objeto desta nova ciência. Ao mesmo tempo em que se deu a constituição desse saber, um sujeito desse discurso foi legitimado, o psiquiatra.

<sup>5</sup> A “morte do sujeito” identificada na obra de Foucault diz respeito à impossibilidade de existência do sujeito substancial conceitualizado na filosofia ocidental, assim como o “retorno ao sujeito”, localizado em suas últimas obras (Foucault, 1984-a), não significa um regresso ao sujeito individual da filosofia ocidental, mas trata-se de “modos de subjetivação” como linha de resistência ao saber e ao poder, uma dobra que no seu limite produz algo novo, e que não necessariamente coincide com um sujeito individual.

va, vazia, do mundo, como foco da sensibilidade, da expressividade, unificador dos estados de consciência. Com a subjetividade, será dada, antes, ênfase à instância fundadora da intencionalidade. *Trata-se de tomar a relação entre o sujeito e o objeto pelo meio...* (Guattari, 1992, p.35 — grifo nosso)

## A subjetividade para além do sujeito individualizado

Foucault (1975) mostrou como o surgimento e o avanço do poder disciplinar ajudaram a constituir o sujeito individualizado. No período medieval clássico, o poder girava em torno da figura do rei. A estratégia do poder soberano era a punição, e as tecnologias de sujeição eram repressivas, atuando após a infração cometida.<sup>6</sup> O poder disciplinar desenvolve-se a partir dos séculos XVIII e XIX, com a constituição dos Estados Modernos, imprimindo nova modalidade de ação de poder enquanto dispositivos formados por práticas discursivas e não discursivas, que têm como função a dominação. A estratégia não é mais a repressão, mas a estimulação, o incentivo, produzindo sentimentos e condutas até então inexistentes, disseminando-se anonimamente pelo corpo social. Não se trata pura e simplesmente da interiorização do poder, mas da criação de um domínio novo, o *sujeito individualizado*.

A noção de indivíduo emerge objetivada num campo de saber. Com o surgimento e propagação de indústrias, tornou-se necessário arregimentar forças coletivas de trabalho, mas para tal era necessário criar toda uma tecnologia para que se pudesse avaliar quem poderia manipular máquinas tão dispendiosas, e quais as características importantes para tal manuseio. Além de outras práticas disciplinares que visavam docilizar o corpo do trabalhador, surge a prática do exame, a anamnese individual, ao mesmo tempo em que se constituem enunciados que, no interior da linguagem, permitem os elementos necessários para pensar os indivíduos que passam imediatamente a integrar um campo de saber. Foucault afirma ser o poder disciplinar uma das grandes invenções da sociedade burguesa. O poder passa a ser cada vez mais capilar, sem centralização, mas estando em toda parte, propiciando simultaneamente o aumento das forças dominadas e o aumento da força e da eficácia que as dominam. Através das práticas disciplina-

---

<sup>6</sup> É a época dos suplícios, e a punição é a consequência natural de alguém que infringe a ordem, pois qualquer crime ataca diretamente o soberano, figura centralizadora, onde se organizam os direitos e deveres para a constituição e organização do edifício jurídico: “O crime, além de sua vítima imediata, ataca o soberano; ataca-o pessoalmente, pois a lei vale como vontade do soberano; ataca-o fisicamente, pois a força da lei é a força do príncipe” (Foucault, 1977 [1975], p.45).

res, o indivíduo é sempre confinado a uma instituição, seja ela fábrica, escola, quartel, prisão, que o irá distinguir enquanto sujeito individualizado.

Assim o conceito de sujeito e de subjetividade, conforme os concebemos atualmente, apresenta-se como uma produção histórica devidamente datada. Concordamos com Foucault sobre a urgência de se pensar a subjetividade para além da individualidade:

Gostaria de dizer que o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado e do tipo de individualização a ele vinculado. Temos que promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que nos foi imposto durante séculos (Foucault, 1989 [1984-b] p.10).

A identificação da subjetividade a uma possível individualidade é também prontamente rejeitada por Guattari (in Guattari e Rolnik, 1986). Para o autor, ambas são esferas distintas que são erroneamente apresentadas como sinônimos:

A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos de subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social (Ibid p.31).

## **Subjetividade e psicanálise**

Deleuze e Guattari (1972) traçaram uma crítica à individualização da subjetividade que passa pelas práticas psicanalíticas. Se Freud apontou para a precariedade da totalidade da noção de ego, e evocou a constituição do sujeito através do outro, derivando daí a noção de espelho ou o sujeito barrado pela linguagem em Lacan, esta alteridade se traduziu, muitas vezes, apenas pelo núcleo familiar, seja ele consanguíneo, seja por derivações simbólicas: a função materna e a função paterna. O que importa é a estrutura edípica, triangular, que assume diversas variações, mas que se mantém enquanto constituinte do sujeito:

O Édipo é, em sentido restrito, a figura do triângulo papá-mamã-eu, a constelação familiar em pessoa. Mas, a psicanálise, ao fazer dele o seu dogma, não desconhece a existência de relações ditas pré-edípicas na criança, exo-edípicas no psicótico, para-edípicas em outros povos. A função do Édipo como dogma, ou 'complexo nuclear', é inseparável de um forcing através do qual o teórico da psicanálise chega à concepção de um Édipo generalizado (Ibid p.43).

Guattari (1992) considera o inconsciente freudiano e a descoberta do Édipo de grande importância para a compreensão da subjetividade contemporânea, porém os demarca enquanto produções datadas historicamente, portanto inseparáveis de seus dispositivos técnico-institucionais. Ao descobrir ou inventar o inconsciente, a psicanálise funcionou como uma incrível máquina que abalou a medicina mental tradicional. E ainda hoje, segundo o autor:

A psicanálise, dependendo dos dispositivos, procedimentos e referências renovados e abertos à mudança, tem vocação para engendrar uma subjetividade que escapa às modelizações adaptativas e está apta para se agenciar com as singularidades e as mutações de nossa época (p. 136).

Quanto ao Édipo, Deleuze (1992[1990]) escreve:

Não queremos dizer que a psicanálise inventa o Édipo. Ela responde à demanda, as pessoas chegam com seu Édipo. A psicanálise não faz mais do que elevar Édipo ao quadrado, Édipo de transferência, Édipo de Édipo, no divã como uma terrinha lamacenta. Porém, familiar ou analítico, o Édipo é fundamentalmente um aparelho de repressão das máquinas desejanças, e de modo algum uma formação do próprio inconsciente.(...) É por isso que atacamos o Édipo, não em nome de sociedades que não o comportariam, mas naquela que o comporta eminentemente, a nossa, a capitalista (p. 28).

O que Deleuze e Guattari evocam em última instância é a não limitação do desejo à cena familiar, a compreensão de que o romance familiar depende dos investimentos sociais, e não o contrário. Ambos questionam se a psicanálise e seu conceito de inconsciente estariam dando conta da produção de subjetividade existente na contemporaneidade, e se não haveria necessidade de se inventar outros conceitos. Não se trata mais de se problematizar algo exo-edípico ou pré-edípico, onde a personagem ainda aparece como único modelo existente no processo de subjetivização, mas de processos que, por tão distantes da triangularização edípica, não se possa pensar sob tal ordem.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Não há uma certa dose de etnocentrismo ao pretendermos a triangularização edípica que assume diferentes esferas nas mais variadas culturas, e na diversidade da história? Lembremos da recusa dos universais antropológicos do qual nos falava Foucault. Haveria realmente um Édipo da ordem do universal que viabilizaria a condição humana, ou ao contrário, o que há é uma certa “miopia edípica” que nos impediria de enxergar a diversidade dos processos, a produção de diferenças enquanto tais?

Deleuze e Guattari disseram não à universalização da estrutura edípica e protagonizaram um movimento de ampliação do conceito de subjetividade, que mostra o inconsciente menos teatral, ao remontar a cena primária, a tragédia de Édipo, e mais a fábrica, a usina, que produz constantemente o desejo. No lugar de um inconsciente psicanalítico centrado nas relações familiares triangulares, ou em objetos codificados no interior de uma semiótica psicanalítica, tais pensadores apresentam um inconsciente maquínico com os poros abertos às relações sociais circundantes, às interações econômicas, ao movimento da história, propenso a todos e novos possíveis. Um inconsciente que se produz tanto no interior de indivíduos, como no interior das famílias, das escolas, das fábricas etc. Um inconsciente não centralizado no passado, mas voltado para o futuro, para um desejo mais produtivo do que constitutivo. Inconsciente maquínico legitimado por um saber que introduz “a produção no desejo e, inversamente, o desejo na produção” (Deleuze, 1992[1990], p.28).

A heterogeneidade da subjetividade advém então das inúmeras facetas que a compõem onde participam desde o “romance familiar” até a tecnologia, passando pelas questões histórico-culturais. Atualmente, por exemplo, uma criança tem como vetor de subjetivação tanto a família como a TV, que desfila valores, comportamentos, num jogo de afetos que a mobiliza. Escola, mídia, trabalho, formas de modelo econômico e político são vetores atuantes de subjetivação: subjetividade caleidoscópica que não pára de assumir diversos contornos, e por isso é que se pode falar em *produção*, que, em tempos atuais destacam-se por sua massificação e serialização, tendentes a constringer a produção de subjetividades alternativas.

Portanto, para podermos compreender tal processo, devemos sair do reduto “psi” e forjar uma concepção mais transversalista que perpasse a sociologia, a economia, a filosofia, a arte, a história, a antropologia e tantos quantos forem os saberes necessários para a compreensão da produção de subjetividade contemporânea. A transversalidade aponta para a interpenetração e para o entrelaçamento, imanentes à rede social. As relações de transversalidade dizem respeito à possibilidade do atravessamento de saberes, que se misturam sem se preocupar necessariamente em ser psicologia, sociologia, política ou filosofia (Barembritt, 1992). O que importa é a produção de conhecimento e de pensamento. Assim a transversalidade clama por uma transdisciplinariedade entre os saberes que, de uma maneira ou de outra, pensam a subjetividade.

## **Identidade, individualidade e subjetividade**

A subjetividade não se confunde com o conceito de identidade, ou com o de individualidade. A identidade, segundo Guattari, freqüentemente

está ligada a algum tipo de reconhecimento, seja ele individual ou coletivo, a um quadro de referência que perpassa enquanto identificação do indivíduo — nome, filiação, impressão digital — ou quanto ao processo de identificação freudiano: “...a identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável” (in Guattari e Rolnik, 1986, p.68-69). A subjetividade de um indivíduo diz respeito menos à identidade e mais à singularidade, isto é, à possibilidade de viver a existência de forma única, no entrecruzamento de diversos vetores de subjetivação. Por outro lado, a singularidade não está circunscrita somente ao indivíduo, mas há singularizações presentes nos grupos ou em instituições.

Portanto, a subjetividade de um indivíduo é marcada menos por uma etiqueta identificatória do que pela diversidade, pela heterogeneidade dos modos que ela pode assumir:

Quando vivemos nossa própria existência, nós a vivemos com as palavras de uma língua que pertence a cem milhões de pessoas; nós a vivemos com um sistema de trocas econômicas que pertence a todo um campo social; nós a vivemos com representações de modos de produção totalmente serializados. No entanto, nós vamos viver e morrer numa relação totalmente singular com esse cruzamento. (...) Um músico ou pintor está mergulhado em tudo o que foi a história da pintura, em tudo o que a pintura é em torno dele e, no entanto, ele a retoma de um modo singular (Ibid p.69).

É o desenvolvimento do capitalismo que traz a marca da individualidade conforme hoje a entendemos, e se este sistema tende a criar padrões universais, a serializar, ao mesmo tempo individualiza tais padrões com um enorme poder coercitivo. Rolnik (in Guattari e Rolnik, 1986) defende que é num mesmo movimento que nascem os indivíduos da forma que atualmente o concebemos, e morrem os potenciais de singularização.

Defendemos pois, ao invés da subjetividade promovida pelos princípios de individualidade ou ainda de identidade, uma subjetividade que se encontra não só nos indivíduos mas no *socius*, sem necessariamente se confundir com este. Os processos de subjetivação não são centrados nos agentes individuais — funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais — nem em agentes estritamente grupais. Esses processos são duplamente descentrados:

Assim, em certos contextos sociais e semiológicos, a subjetividade se individua: uma pessoa, tida como responsável por si mesma, se posiciona em meio a relações de alteridade regidas por usos familiares, costumes

locais, leis jurídicas... Em outras condições, a subjetividade se faz coletiva, o que não significa que ela se torne por isso exclusivamente social. Com efeito, o termo coletivo deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos (Guattari, 1992, p.19-20).

O pensador francês prefere então operar não mais com o conceito de sujeito, mas com a subjetividade, já que aponta para o campo da multiplicidade e da heterogeneidade, percebendo a subjetividade produzida "...por instâncias individuais, coletivas e institucionais" (Ibid p. 11), não havendo entre elas nenhuma espécie de hierarquia: "Os diferentes registros semióticos que concorrem para o engendramento da subjetividade não mantêm relações hierárquicas obrigatórias, fixadas definitivamente" (Ibid p. 11). E ainda:

A subjetividade, de fato, é plural, *polifônica*, para retomar uma expressão de Mikhail Bakhtin, e ela não conhece nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca (Ibid p.11).<sup>8</sup>

Guattari fala em subjetividade enquanto Agenciamentos Coletivos de Enunciação, que compreendem tanto o sujeito da enunciação (sujeito que narra) como o do enunciado (sujeito que diz ou faz), chegando a se confundir numa só voz, onde uma fala não é necessariamente produzida por um só sujeito, mas pode lhe ser anterior e coletiva. Na voz de um sujeito, ecoam inúmeras vozes: sujeito produtor e produto de vetores de subjetivação. Assim, ao lado do caráter social da subjetividade, inscreve-se a mesma perspectiva em relação à linguagem.

---

<sup>8</sup> Guattari toma emprestado tal conceito em Bakhtin, para enfatizar o caráter heterogêneo e social da subjetividade. O pensador russo, em sua teoria sobre a linguagem, adota uma perspectiva dialógica, onde o mundo é permanentemente construído no diálogo que remonta a inúmeras vozes, apontando para uma realidade polifônica. O enunciado proferido por um sujeito, além de ter que ser relacionado com seu contexto para poder ser compreendido, não é em absoluto uma prática individual, visto que sua fala representa um entrecruzamento de diversas vozes, de diversos discursos que lhes são anteriores: "El objeto del discurso de un hablante, cualquiera que sea el objeto, no llega a tal por primera vez en este enunciado, y el hablante no es el primero que lo aborda. El objeto del discurso, por decirlo así, ya se encuentra hablado, discutido, vislumbrado y valorado de las maneras más diferentes; en él se cruzan, convergen y se bifurcan varios puntos de vista, visiones del mundo, tendencias. El hablante no es un Adán bíblico que tenía que ver con objetos vírgenes, aún no nombrados, a los que debía poner nombres" (Bakhtin, 1985 [1979], p. 284).



Subjetividade que não se situa no campo individual, mas no campo de todos os processos de produção social e material, onde o indivíduo apresenta-se como um consumidor de subjetividade — consumidor de signos, de sistemas de representação, de sensibilidade — e que, portanto, não é da ordem do natural ou do universal:

Seria conveniente definir de outro modo a noção de subjetividade renunciando totalmente à idéia de que a sociedade, os fenômenos de expressão social são a resultante de um simples aglomerado, de uma simples somatória de subjetividades individuais. Penso, ao contrário, que é a subjetividade individual que resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, etc. (Guattari e Rolnik, 1986, p.34)

Dessa forma, não só a mídia, mas a tecnologia na sua totalidade se colocam como verdadeiros vetores de subjetivação. O essencial é entender que as máquinas que cada vez mais nos circundam, e das quais é impossível escaparmos, representam “formas hiperdesenvolvidas e hiperconcentradas” de certos aspectos da subjetividade. Em sua concepção mais ampla, a máquina diz respeito à produção, que tanto pode ser de bens materiais quanto de modos de subjetivação (Guattari, 1993-c). Pensemos na computação, em toda a gama de tecnologia de ponta que favoreceu o surgimento da internet. O ciberespaço possibilita novas formas de interação, redimensionando a relação do sujeito com o tempo e o espaço. Estaríamos assistindo ao esvaziamento da sociabilidade, ao favorecimento do individualismo contemporâneo, ou à produção de novas formas de socialização? Uma grande polêmica desta virada de milênio. A internet representa sem dúvida um modo de produção subjetiva contemporânea, um lugar, mesmo que virtual, de produção de valores, costumes, linguagem.

## **Do assujeitamento à singularidade**

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos. (...) É ao nível de cada tentativa que se avalia a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo (Deleuze, 1992[1990], p.218).

Conforme foi tratado anteriormente, a subjetividade é assumida de diferentes formas, no cruzamento de vetores heterogêneos, por indivíduos

em suas existências particulares (Guattari e Rolnik, 1986). Pois bem, essas formas variam entre dois pólos: de um lado, a sujeição em relação às instituições produtoras de subjetividade: família, Estado, trabalho, mídia, marcada pela conformidade, pela reprodução do idêntico, o achatamento da heterogeneidade, das diferenças, enfim pela massificação do cotidiano, sinalizando uma produção de subjetividade assujeitada; por outro lado, a criação de novos processos múltiplos e heterogêneos, que engendram relações livres e criativas, onde indivíduos e grupos assumem suas existências de modo singular, criando outros valores, novas formas de pensar e de agir, viabilizando a produção de subjetivação singularizadas. São formas paralelas e concomitantes, que podem lutar no interior de um indivíduo, grupo ou momento histórico.

Defendemos até agora que todo um espectro de transformações ocorridas no cotidiano não só percorrem as grandes estruturas econômico-político-sociais mas, por estarem implicadas, mobilizam os aparatos de produção de subjetividade contemporânea. Encontramos um investimento técnico-capitalista que reduz a subjetividade às formações personológicas. A produção de subjetividade contemporânea encontra-se inexoravelmente ancorada em dispositivos capitalistas, o que não significa aprisionamento absoluto e que, na análise guattariana, assume a forma de uma subjetividade capitalística.<sup>9</sup>

A análise destas determinadas produções sob a ótica capitalista nos leva necessariamente a olhá-las enquanto formas de poder que asseguram a manutenção de um pensamento hegemônico, controlado pelo capital. Se tal hegemonia foi assegurada desde os dispositivos do poder disciplinar, atribuindo ao sujeito um *status* de indivíduo, também assistimos, no momento atual, a uma nova espécie de poder, que passa necessariamente pela via da informação e da comunicação. Foucault indicara que a sociedade disciplinar se estabelecia pelo confinamento.<sup>10</sup> Segundo Deleuze (1990), tais me-

---

<sup>9</sup> "Guattari acrescenta o sufixo 'ístico' a 'capitalista' por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do 'Terceiro Mundo' ou do capitalismo 'periférico', assim como as antigas economias ditas socialistas dos países do leste, que viveram numa espécie de dependência e contradependência do capitalismo. Tais sociedades, segundo Guattari, em nada se diferenciaram do ponto de vista de produção de subjetividade. Elas funcionaram segundo uma mesma cartografia do desejo no campo social, uma mesma economia libidinal-política" (Rolnik, in: Guattari & Rolnik, 1986, p.15)

<sup>10</sup> Lembremos sua análise do poder disciplinar tematizada brevemente na primeira parte, onde a individualização do sujeito se dá através de sua passagem em diversas instituições.

canismos atualmente estão sendo deixados para trás e substituídos por outros, que funcionam por controle contínuo e comunicação instantânea, caracterizados pelas máquinas cibernéticas e computadorização da sociedade. As instituições de confinamento estão em crise: prisão, hospital, escola. A educação, por exemplo, apresenta-se cada vez mais delegada a programas do tipo Telecurso e de educação à distância, formas de controle contínuo formando num mesmo movimento o operário-aluno e o executivo-universitário. O controle não se circunscreve a muros, mas expande-se em espaços abertos. Ao invés de funcionar enquanto molde, atua por modulações, é maleável. O modelo não é mais a fábrica, mas a empresa. Ao invés do salário de acordo com cada posto, o salário modulado por mérito. Ao invés da assinatura e do número de matrícula que indica o indivíduo e sua posição na massa, a identificação atual se dá através da cifra: a senha que marca o acesso à informação. Tais pontuações indicam uma mutação no capitalismo: de um capitalismo dirigido para a produção, o encontramos voltado para o produto, para a venda e o mercado. Ao invés das “sociedades disciplinar”, as “sociedades de controle”.<sup>11</sup>

É uma nova produção de subjetividade que emerge, produção para além das instituições de confinamento, que transcende os muros e que se coloca na TV, no microcomputador, onde já é possível estruturar a vida, “conhecer” o mundo virtual sem sair de casa, visto que o “real”, com a violência das grandes cidades, tornou-se cada vez mais perigoso. Produção de poder que, apesar de seu caráter inovador, vem se desenhando desde a primeira metade do século e continua a atender a demanda capitalista, cada vez mais capilar, passando da produção para o consumo e a informação.

A cultura de massa apresenta-se então como elemento fundamental da produção de subjetividade capitalística. Em última instância, o que está em questão é a “laminação” da subjetividade, laminação no sentido de achata-mento de todas as diferenças.

Essa cultura de massa produz, exatamente, indivíduos: indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão. (...) Não somente uma produção de subjetividade individuada — subjetividade dos indivíduos — mas uma produção de subjetividade social, uma produção da subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo. E mais ainda: uma produção da subjetividade inconsciente. A meu ver, essa grande fábrica, essa grande máquina capitalística produz inclusive aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando

---

<sup>11</sup> Sobre as “sociedades de controle” ver Deleuze — “Controle e Devir” e “*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle” in *Conversações* 1992.

devaneamos, quando fantasiamos, quando nos apaixonamos e assim por diante. Em todo caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos os campos (Guattari in Guattari e Rolnik, 1986, p.16).

Por outro lado, Deleuze e Guattari apontam a existência de processos heterogêneos no seio do assujeitamento da subjetividade. Processos criativos que produzem um desvio, uma diferença na mesquinha do “sempregual”. Torna-se então urgente assumir um posicionamento priorizando os vetores de subjetivação que privilegiem a heterogeneidade, a criação — cristais frágeis, microscópicos, precários (Guattari, 1994) — ao invés da dominação homogeneizante que subsume os desejos: “Estamos diante de uma escolha ética crucial, ou se objetiva, se reifica, se ‘cientificiza’ a subjetividade ou, ao contrário, tenta-se apreendê-la em sua dimensão de criatividade processual” (Guattari, 1992, p.24). Trata-se de criar condições de possibilidade para a abertura de novos valores para além do capital, de exaltar a polifonia não só na linguagem, mas na subjetividade, sem pretensão universalista, mas com predisposição à singularidade e à finitude. Nessa predisposição à heterogeneidade, à processualidade e à criação de novos ‘modos de subjetivação’, circunscreve-se uma dimensão estético-ético-política.

Sem querer negar as características massificadoras e homogeneizantes que acabam por perpassar a subjetividade contemporânea, apostamos no caráter processual do mundo, em sua complexidade mutável, enfim, em seu movimento constante, na sua essência de *devenir*. Deleuze (1990) já dissera:

... uma sociedade nos parece definir-se menos por suas contradições que por suas linhas de fuga, ela foge por todos os lados, e é muito interessante tentar acompanhar em tal ou qual momento as linhas de fuga que se delineiam (p.212).

O conceito de linhas de fuga assume grande importância para se pensar a tensão entre a subjetividade assujeitada e a subjetividade singularizada. Trata-se de perceber que, apesar de todo caráter massificador e homogeneizante da cultura de massa e da sociedade de consumo inscrito na subjetividade, traduzido em termos de uma subjetividade capitalística, há a coexistência de fluxos que tendem a escapar, por estarem sob um regime de multiplicidade, permitindo atravessamentos de forças heterogêneas. Não haveria, dessa forma, um aprisionamento absoluto, por mais que a realidade se apresente massificada. As linhas de fuga não são algo que vem de fora da homogeneização. Nesse regime de coexistência de forças, podem haver momentos em que ocorra um cruzamento entre forças conservadoras e forças que tendem a escapar à coerção, e essa luta pode vir a favorecer estas últimas, operando uma mudança no pretense equilíbrio homogeneizador.

Tal produção portanto é uma constante, pois nada impede que o que hoje se caracteriza por uma linha de fuga venha a tornar-se uma imposição homogeneizante, não por ocorrência de uma síntese dialética, mas por transformação e derrocada em seu curso por forças opressoras. Não há síntese conciliatória, mas movimentos e confrontos onde forças ou modos se afirmam em favor ou contra a expansão.<sup>12</sup>

O conceito de linha de fuga torna-se uma ferramenta fundamental para a compreensão dos movimentos que subvertem o estabelecido, e da relação que as práticas sociais mantêm com o sistema. As práticas profissionais, relacionadas ao domínio “psi” ou não, devem então ser redimensionadas; devem apostar no processo, inventando e re-inventando novas teorias, novos métodos, aproximando-se do campo estético:

O povo ‘psi’, para convergir nessa perspectiva com o mundo da arte, se vê intimado a se desfazer de seus aventais brancos, a começar por aqueles invisíveis que carrega na cabeça, em sua linguagem e em suas maneiras de ser (um pintor não tem por ideal repetir indefinidamente a mesma obra [...]). Da mesma maneira, cada instituição de atendimento médico, de assistência, de educação, cada tratamento individual deveria ter como preocupação permanente fazer evoluir sua prática tanto quanto suas bases teóricas (Guattari, 1990 [1989] p.22-23).

Vale lembrar que a crítica ao assujeitamento e massificação da produção de subjetividade contemporânea e seus dispositivos técnicos disciplinares ou de controle não coincide com a tecnologia em si. Ao contrário, negar a tecnologia ou colocá-la como a grande vilã da subjetividade contemporânea seria como quebrar as máquinas na época da revolução industrial, por sua identificação com a miséria. A tecnologia não passa de um instrumento e as conseqüências futuras de sua utilização dependem da relação que mantivermos com ela. Se o assujeitamento traduz uma homogeneidade da subjetividade capitalística, a possibilidade da singularização encontra-se exatamente na criação, na abertura para a heterogeneidade.

Contudo, a criação de novos campos de possibilidades se inscreve menos sob o signo da esperança, que requer um tanto de conformismo e resignação, do que sob uma perspectiva de uma construção marcada desde já pela processualidade, que reivindica a imanência da singularidade, a mul-

---

<sup>12</sup> Pensemos no movimento hippie dos anos 60-70. Ícone da rebeldia daquela época, ao questionar todo um sistema de valor capitalístico, da indústria bélica à sexualidade, caracterizou-se enquanto linha de fuga, porém foi aos poucos capturado e docilizado pela mídia, transformando-se em modismo: “o hippie de boutique”. Tal captura porém não invalida a singularidade do movimento em seus primórdios.

tiplicação nos modos de subjetivação, o resgate da criatividade, ao invés da massificação, deste imenso “senso comum” que marca a produção subjetiva contemporânea. É nesta perspectiva que pretendemos abordar o tema da subjetividade no mundo contemporâneo, dando continuidade, através das reflexões que aqui se apresentam, à construção das bases teóricas que poderão subsidiar nossa inserção política como profissionais comprometidos com as transformações do sujeito, quer seja no campo da educação ou da saúde mental.

## Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail (1979) *Estética de la creación verbal*, México, Siglo Veintiuno, 1985
- BAREMBLITT, Gregório (1992) *Compêndio de análise institucional*, Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos
- BAUDRILLARD, Jean (1974) *A sociedade de consumo*, Rio de Janeiro, Ed. Elfos, 1995.
- DELEUZE, Gilles (1990) *Conversações*, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992
- DELEUZE Gilles e GUATTARI, Félix (1972) *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*, Lisboa, Ed. Assírio e Alvim.
- FERREIRA dos Santos, Jair (1986) — *O que é pós-moderno?*, São Paulo, Ed. Brasiliense.
- FOUCAULT, Michel (1975) *Vigiar e punir*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_ (1979) *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Ed. Graal
- \_\_\_\_\_ (1984-a) *História da sexualidade II — O uso dos prazeres*, Rio de Janeiro, Ed. Graal
- \_\_\_\_\_ (1984-b) “Dois ensaios sobre o poder” In *Michel Foucault: Un Parcours Philosophique* (DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul), Paris, Ed. Gallimard (tradução Lília Vale e Sílvia Aguiar, UFF, 1989, mimeo).
- \_\_\_\_\_ (1984-c)-(Auto)Biography-1926-1984 in *History of Present University of Califórnia*, Spring.
- FREUD, Sigmund (1917) “Uma dificuldade no caminho da psicanálise” in *Obras Completas*, vol XVII, Rio de Janeiro, Edição Standart Brasileira, Imago, 1969.
- GUATTARI, Félix (1989) *As três ecologias*. Campinas, Papyrus Editora, 1990.
- \_\_\_\_\_ (1992) *Caosmose: Um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, Editora 34.

- \_\_\_\_\_ (1993) “Da produção de subjetividade” in *Imagem — Máquina: A era das tecnologias do virtual* (PARENTE, André, org.), Rio de Janeiro, Ed. 34.
- \_\_\_\_\_ (1994) “El nuevo paradigma estético-diálogo” In *Nuevos paradigmas cultura y subjetividad* (SCHNITMAN, Dora Fried, org), Buenos Aires, Ed. Paidós.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely (1986) *Micropolítica: Cartografias do desejo*, Petrópolis, Ed. Vozes.
- GUILHON ALBUQUERQUE, José Augusto (1988) “A especificidade de ação do psicólogo” in *Anais do I Congresso de Psicologia (Conpsic)*, São Paulo, CRP 6ª região — Gestão Palavra Aberta II, p.35 -77.
- MORAIS, M (1992) Subjectividade e Subjectivismo (verbetes) in *Logos — Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Lisboa/São Paulo, Ed. Verbo.

